



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
CURSO DE LETRAS**

DJALMA ARAUJO DOS SANTOS

**A LITERATURA E A POLÍTICA: UM ESTUDO LITERÁRIO DO CONTO
TEMPO DE CRISE DE MACHADO DE ASSIS (1873).**

**Porto Nacional - TO
2019**

DJALMA ARAUJO DOS SANTOS

**A LITERATURA E A POLÍTICA: UM ESTUDO LITERÁRIO DO CONTO
TEMPO DE CRISE, DE MACHADO DE ASSIS (1873).**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em
Letras da Universidade Federal do Tocantins
como requisito para aprovação na disciplina
Trabalho Conclusão de Curso.

Orientador: Prof.^a. Ms. Maria da Glória de
Castro Azevedo

Porto Nacional, novembro de 2019.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S2371 Santos, Djalma Araujo dos.

A literatura e a política: um estudo literário do conto Tempo de Crise, de Machado de Assis (1873). / Djalma Araujo dos Santos. – Porto Nacional, TO, 2019.

12 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, 2019.

Orientadora : Maria da Glória de Castro Azevedo

1. Literatura Política. 2. Política. 3. Jogo de Interesse. 4. Favorecimento Político. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PORTO NACIONAL
CURSO DE LETRAS**

TERMO DE APROVAÇÃO

**A LITERATURA E A POLÍTICA: UM ESTUDO LITERÁRIO DO
CONTO TEMPO DE CRISE DE MACHADO DE ASSIS (1873)**

Por: Djalma Araujo dos Santos

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras: Língua Portuguesa e respectivas literaturas, pela Comissão formada pelas seguintes professoras:

Orientador Presidente:

Prof^ª. Ms. Maria da Glória de Castro Azevedo

Banca:

Prof^ª. Dr^ª. Maria Perla Araújo Morais

Prof^ª. Dr^ª. Olívia Aparecida Silva

Porto Nacional – TO, 6 de dezembro de 2019

RESUMO

O presente artigo visa tecer uma reflexão acerca da Literatura política. Busca refletir sobre o processo de representação literária político, tendo como leitura o conto *Tempos de Crise* de Machado de Assis (1873). A obra se volta para o desenrolar de uma crise ministerial na capital do país, da queda do gabinete até à formação do estado novo. É um episódio em que o poder e a informação são reduzidos à fofoca e à vaidade, é a política na base da rasteira em que o vai e vem aleatório de cargos é o que interessa. A história trata a narrativa da crise ministerial, com discurso irônico e uso do humor, características do estilo Machadiano. O interesse de Machado de Assis pela sociedade, pela história e pela política brasileira é condição essencial para sua grandeza e originalidade. Seus textos possuem uma íntima ligação entre literatura, realidade social e história. Nesse sentido, o presente problematizará a relação político-social da classe média, e as implicações que esses elementos trazem à sociedade brasileira no final do século XIX. Buscando ainda analisar o jogo de interesse pessoal e egoísmo do personagem como favorecimento político e financeiro e mostrar como a narrativa machadiana é uma leitura crítica à sociedade de seu tempo.

Palavras-chaves: Literatura, política.

ABSTRACT

This article aims to make a reflection on the Political Literature. It seeks to reflect on process of political literary representation, reading Machado de Assis's *Crisis Times* (1873). The work turns to the unfolding of a ministerial crisis in the country's capital, from the fall of the cabinet to the formation of the new state. It's an episode where power and information are reduced to gossip and vanity, it's the politics at the bottom of the creep where random job back and forth is what matters. The story deals with the narrative of the ministerial crisis, with ironic speech and use of humor, characteristic of the Machadian style. Machado de Assis's interest in Brazilian society, history and politics is an essential condition for his greatness and originality. His texts have a close connection between literature, social reality and history. In this sense, the present will problematize the social-political relationship of the middle class, and the implications that these elements bring to Brazilian society in the late nineteenth century. Still seeking to analyze the game of personal interest and selfishness of the character as a political and financial favoritism and show how the Machado's narrative is a critical reading to the society of his time.

Key words: Literature, politics.

Apresentação

O presente artigo abordará a temática Literatura e Política: um estudo literário do conto **Tempo de Crise** de Machado de Assis (1873).

Machado de Assis (1839-1908) foi um importante escritor brasileiro, um dos nomes mais importantes da literatura do século XIX. Escreveu poesias, contos e romances. Foi jornalista, teatrólogo, crítico de teatro e crítico literário. Escrevia como quem punha a alma do Brasil para madurar, dando testemunho de si, registrando o saber em tantos livros importantes o seu valor, a sua cultura, fazendo com que, ainda seja um autor importante e estudado nos dias de hoje.

Tempo de crise volta-se para o desenrolar de uma crise ministerial na capital do país, da queda do gabinete até à formação do estado novo. É um episódio em que o poder e a informação são reduzidos à fofoca e à vaidade, é a política na base da rasteira em que o vai e vem aleatório de cargos é o que interessa. A história trata a narrativa da crise ministerial, com discurso irônico e uso do humor, características do estilo Machadiano. O interesse de Machado de Assis pela sociedade, pela história e pela política brasileira é condição essencial para sua grandeza e originalidade. Seus textos possuem uma íntima ligação entre literatura, realidade social e história.

Nesse sentido, o presente artigo problematizará a relação político-social da classe média, e as implicações que esses elementos trazem à sociedade brasileira no final do século XIX. Pretendemos ainda, com a realização do presente trabalho, analisar o jogo de interesse pessoal e egoísmo do personagem como favorecimento político e financeiro e mostrar como a narrativa machadiana é uma leitura crítica à sociedade de seu tempo.

Machado de Assis foi um autor de olhar crítico sobre a sociedade brasileira do século XIX. Sua obra analisa a sociedade brasileira a partir de uma sociedade de regime monárquico até a implantação da República. Suas obras analisam as relações sociais, os interesses econômicos e a formação de uma sociedade capitalista e individualista. Sabemos que a literatura é também a representação de fatos sociais, análise da sociedade e que se mostra atemporal quando se propõe a ver de maneira crítica as estruturas que compõem nossa sociedade.

1 A estrutura da narrativa de Machado de Assis

Tzvetan Todorov em **As estruturas da narrativa** (1970), ao discorrer sobre uma análise estrutural do texto literário, defende a ideia de que a obra deve ser vista como manifestação de uma estrutura abstrata, da qual ela é apenas uma das realizações possíveis. Para o teórico, uma análise literária deve ser teórica e externa, simultaneamente, ou seja, deve-se considerar tanto o caráter das estruturas do texto, como o discurso literário, as estruturas da narrativa, quanto a estrutura abstrata, social ou psíquica manifestada através da obra e deve ir mais além, visto que

A análise estrutural (...) não se satisfaz com uma pura descrição da obra, nem com sua interpretação em termos psicológicos ou sociológicos, ou mesmo filosóficos. Em outros termos, a análise estrutural da literatura coincide, (em grandes linhas) com a teoria da literatura, com sua poética. Seu objetivo é o discurso literário mais do que as obras literárias, a literatura virtual mais do que a literatura real. (TODOROV:1970, p.80)

Essa argumentação sobre a abordagem do texto como obra literária, dando ênfase ao discurso literário, faz pertinente quando vamos analisar a obra de caráter político machadiana. Sendo assim, é importante que percebamos, ao analisar conto **Tempo de crise** que, por mais que seja uma análise política, portanto, escrita a partir da observação da realidade de então, a obra é, antes de tudo uma construção literária que segue uma estrutura narrativa /ficcional para além dos estudos sociais e psicanalíticos.

Isso não significa dizer que

(...) se negue a relação da literatura com outras séries homogêneas, como a filosofia, ou a vida social etc. trata-se aqui principalmente de estabelecer uma ordem hierárquica: a literatura deve ser compreendida na sua especificidade, enquanto literatura, antes de procurar estabelecer sua relação com algo diferente dela mesma.
(TODOROV: 1970, p 81)

Portanto, ao analisar uma obra de teor político em Machado de Assis, devemos entender que embora ele trate de assuntos da vida política cotidiana do antigo império e da recente, República em muitas de suas obras literárias, o caráter ficcional, a maestria do discurso literário machadiano não deve ser relegada a um lugar menor. Os tipos que compõem a galeria de seus personagens, a mesquinhez dos homens da sociedade apegados a cargos e a manutenção de uma velha mesma ordem política são quadros compostos pelo autor, através da literatura, para produzir uma reflexão no leitor.

De acordo com ROCHA (2008, p.9)

tanto a narrativa do historiador quanto a do ficcionista empregam os dois procedimentos centrais dos atos ficcionais de construir mundos: o ato de *seleção* de elementos, que são assim retirados de seu contexto prévio, e o ato de *combinação* desses mesmos elementos selecionados numa nova configuração de sentido. Em consequência, nenhuma narrativa se confunde com “realidade”, constituindo tão-só uma imagem parcial-seja o texto carregado de fontes do historiador que sobreviveu à poeira dos arquivos, seja a criação mais fantasiosa do autor às voltas com seus fantasmas.

Sendo assim, na leitura ficcional de Machado de Assis, cabe ao leitor estabelecer a coerência interna própria do texto literário, visto que o texto literário exercita o ato de fingir o que leva à distinção básica entre história e ficção e estabelece um pacto com o leitor.

Analisando o político na obra de Machado de Assis, Broca (2018, p.411) defende a ideia de que “o artista deve contentar-se em agir no seu setor pelos meios adequados da arte, assim não haveria indiferentismo do escritor á política, mas o interesse por ela na medida em que lhe dava acesso ao extraordinário espetáculo humano, material principal da sua arte literária”. Atualmente, se sabe que a política se constrói a base de interesses que geram negociações, ganhos e perdas, trocas de favores, é necessário cuidar para que a literatura não esteja imune a isto, seja no texto literário, a ficção propriamente dita. A relação óbvia se estabelece quando se observa que a política é um modo de ação de consenso de legitimação de poder, no qual um grupo de indivíduos, que atende a sociedade, tem para si o domínio sobre as decisões que envolvem outros grupos.

A literatura abre uma janela, em relação à política e nos revela características menos evidentes deste termo tão desgastado. Um segundo olhar sobre essa arte da articulação de interesses mostra camadas semânticas com profundas implicações filosóficas. A política, sob as lentes literárias, revela-se mais um dos aspectos da experiência humana. A criação literária é, não raro, uma forma de resistência à opressão e à violência dos detentores do poder.

A relação entre literatura e política acontece dentro da própria linguagem artística; mesmo naquela de expressão mais subjetiva é possível encontrar na forma estética as marcas dessa relação que, em suma, deriva do realismo. É importante pensar, de forma inicial, como Machado é um realista, não exatamente como parte da escola literária de origem europeia, mas como um escritor que captura a realidade brasileira em uma forma estética que nada fica a dever às melhores obras do realismo europeu.

2 Em tempos de crise, não há crise para os políticos

O conto **Tempo de crise** volta-se para o desenrolar de uma crise ministerial na capital do país, da queda do gabinete até à formação do estado novo. É um episódio em que o poder e a informação são reduzidos à fofoca e à vaidade. A história trata a narrativa da crise ministerial, com discurso irônico e uso do humor, características do estilo Machado.

Queres tu saber, meu rico irmão, a notícia que achei no Rio de Janeiro, apenas pôs pé em terra? Uma crise ministerial. Não imaginas o que é uma crise ministerial na cidade fluminense. Lá na província chegam às notícias amortecidas pela distancia, e, além disso, completas; quando sabemos de um ministério defunto, sabemos logo de um ministério recém-nato. Aqui a coisa é diversa, assiste-se à morte do agonizante, depois ao enterro, depois ao nascimento do outro, o qual muitas vezes, graças às dificuldades políticas, só vem à luz depois de uma operação cesariana (ASSIS, 1873, p. 3).

A grande maioria dos textos ficcionais de Machado de Assis tem como cenário a cidade do Rio de Janeiro e o contexto cultural do Segundo Império, período em que a Europa exercia forte influência sobre as práticas culturais da elite residente na capital brasileira. Esse fato está relacionado à transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro colonial, pois ela procurou manter seus hábitos, costumes e valores, os quais foram admirados e reproduzidos pela alta classe da sociedade da época. O conto se passa na Rua do Ouvidor:

A Rua do Ouvidor resume o Rio de Janeiro. A certas horas do dia, pode a fúria celeste destruir a cidade; se conservar a Rua do Ouvidor, conserva Noé, a família e o mais. Uma cidade é um corpo de pedra com um rosto. O rosto da cidade fluminense é esta rua, rosto eloquente que exprime todos os sentimentos e todas as ideias (ASSIS, 1873, p. 4).

O personagem Virgílio do Ouvidor, vai mostrar ao seu Dante Provinciano o desenrolar de uma crise ministerial na capital do país, da queda do gabinete até a formação do novo. São amigos, um recém-chegado da província, o outro alguém que conhece bem os costumes da rua carioca. A vida fluminense está quase toda ali: os políticos, intelectuais e o diplomata. É um episódio em que o poder e a informação são reduzidos a fofoca e a vaidade, a política baseada no disse-me disse. A crise ministerial era prevista, não podia deixar de estar iminente. A situação não podia prolongar-se; se os ministros não concordassem a Câmara os obrigaria a sair.

Ficamos à porta; e o grupo foi-se pouco a pouco aumentando; antes de um quarto de hora éramos oito. Todos falavam na crise; uns sabiam a cousa de fonte certa; outros por ouvir dizer. O Ferreira saiu pouco depois dizendo que ia à Câmara saber o que havia de novo. Nessa ocasião apareceu um desembargador e indagou se era exato o que se dizia relativamente à crise ministerial. Afirmamos que sim. — Qual seria a causa? Perguntou ele. O Abreu, que dera antes como causa a presidência lá da província, declarou agora ao desembargador que uma questão da guerra produzira o desacordo entre os ministros. — Está certo disso? Perguntou o desembargador. —

Certíssimo; soube-o hoje mesmo do cunhado do Ministro da Guerra (ASSIS, 1873, p. 8).

Cada personagem novo trazia uma confirmação ao trato, já não era trato, evidentemente havia crise. Grupos de políticos estavam parados às portas das lojas, conversando animadamente. De quando em quando surgia ao longe um deputado. Era logo cercado e interrogado; e só se colhia a mesma notícia, a queda do ministério e a troca de cargos.

— Sabem que há crise; a causa é muito secundária, mas a situação não podia prolongar-se. — Qual é a causa? — A nomeação de um juiz de direito. — Só! — Só. — Já sei o que é, disse Abreu sorrindo. Era negócio pendente há muitas semanas. — Foi isso. Os homens lá foram ao paço. — Será aceita a demissão? perguntei eu. Mendonça abaixou a voz. — Creio que é. Depois apertou a mão ao desembargador, ao C. e ao Abreu e retirou-se com a mesma satisfação de um homem que acaba de salvar o Estado. (ASSIS, 1873, p. 10).

E assim iam surgindo possíveis nomes para ocupar o novo ministério, a conversa ia se estendendo pelas Ruas do ouvidor:

A conversa ia-me interessando; eu já tinha esquecido o interesse que ligava à mudança dos ministros, para atender simplesmente ao que se passava diante de mim. Não imaginas o que é formar um ministério na rua antes que ele esteja formado no paço. Cada qual expôs a sua conjectura; vários nomes foram lembrados para o poder. As vezes aparecia um nome contra o qual se apresentavam objeções; então replicava o autor da combinação: — Está enganado; pode o F. ficar com a pasta da Justiça, o M. com a da Guerra, K. Marinha, T. Obras Públicas, V. Fazenda, X. Império, e C. Estrangeiros. (ASSIS, 1873, p. 13).

Este diálogo em que todos tomavam parte, era repetido sempre que um dos circunstantes apresentava uma combinação nova, foi interrompido pela chegada de um deputado. Desta chegariam notícias frescas. Efetivamente a notícia dita pelo deputado V. tinha sido chamado ao paço e estava organizando gabinete.

— Que dizia eu? exclamou Ferreira. Nem era de ver outra cousa. A situação é do V.; o seu último discurso foi o que os franceses chamam discurso ministro. Quem são os outros? — Por ora, disse o deputado, só há dois ministros na lista: o da Justiça e o do Império. — Quem são? — Não sei, respondeu o deputado. Não me foi difícil ver que o homem sabia, mas era obrigado a guardar segredo. Compreendi que aquele é que lambia os vidros por dentro, expressão muito usada em tempo de crise. Houve um pequeno silêncio. Conjetei que cada qual estivesse a adivinhar quem seriam os nomeados; mas, se alguém os descobriu, não os nomeou (ASSIS, 1873, p. 14).

Ansiosos por saber mais notícias, desceram a rua vagarosamente. Grupos de quatro e cinco se entretinham com o assunto do dia. Paravam, combinavam as versões; mas não retificavam as dos outros. Em um desses grupos já estavam os três ministros nomeados; outro acrescentava os nomes dos dois deputados, pela única razão de os ter visto entrar num carro.

Pela cidade, corriam versões de todo o gabinete, mas era tudo vago. Na manhã seguinte, saiu a lista com os nomes que iria compor o gabinete.

Encontramos os mesmos amigos da manhã. Ora, justamente quando o Mendonça se dispunha a ir colher alguma coisa certa, apareceu o desembargador com o rosto alegre. — Que há? — Está organizado. — Mas quem são? O desembargador tirou do bolso uma lista. — São estes. O Abreu achou-o excelente; o Lima, fraco. O Mendonça ficou alegre com o resultado da crise. Perguntaram-lhe por que razão. — Tenho dois compadres no ministério! respondeu ele (ASSIS, 1873, p. 17).

O conto representa o quadro infiel de uma crise ministerial no Rio de Janeiro. Infiel porque o papel não pode conter os diálogos, nem as versões, nem os comentários, nem as caras de um dia de crise. Ouvem-se, contemplam-se; não se descrevem. Sabe-se que a política se constrói a base de trocas de favores, negociações, ganhos e perdas, é necessário cuidar para que a literatura não esteja imune a isto. A relação se estabelece quando se observa que a política é um modo de ação de validação de poder, no qual um grupo de indivíduos, que atende à população, tem para si o controle das decisões que envolvem outros grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Machado de Assis foi um autor de olhar crítico sobre a sociedade brasileira do século XIX. Sua obra analisa a sociedade brasileira a partir de uma sociedade de regime monárquico até a implantação da República. Suas obras analisam as relações sociais, os interesses econômicos e a formação de uma sociedade capitalista e individualista.

Nesse sentido, o presente analisou a relação político-social da classe média, o jogo de interesses e as implicações que esses elementos trazem à sociedade brasileira no final do século XIX. O interesse de Machado de Assis pela sociedade, pela história e pela política brasileira é condição essencial para sua grandeza e originalidade. Seus textos possuem uma íntima ligação entre literatura, realidade social e história.

REFERÊNCIAS

BORGES, Gabriel Rodrigues. **A história de aflições no itinerário da literatura brasileira: realismo e genealogia entre Machado de Assis e Murilo Rubião.** (Dissertação de mestrado. Repositório UnB,)2013.

BROCA, Brito. **Machado de Assis em linha** - Universidade de São Paulo. <http://machadodeassis.fflch.usp.br>

ROCHA, João César de Castro. **Contos de Machado de Assis**, v.5: política e escravidão. Rio de Janeiro: Record:2008

TODOROV, Tzvetan. **As Estruturas Narrativas.** São Paulo: editora Perspectiva, 1970